

CORRUPÇÃO

Mural Produzido em:
07/2008

Coordenação:
Alessandra Gasparotto

Acadêmicos:
Douglas Luis Wrasse
Fernando Chlad
Gustavo Soares de Lima
Jéssica Correa
Juliana Valentini
Karen Kraulich
Karen Renata Capelesso
Mauro Camargo Jr.
Rúbia Mara Tordiotto
Sandra Regina Ventura Popiolek
Suzane Pantolfi Tostes

Corrupção!

Alessandra Gaspartto

Quantas vezes você ouviu essa palavra nos últimos dias? Desde escândalos envolvendo políticos, funcionários públicos e grandes empresas até as “pequenas” corrupções do cotidiano, o tema parece estar sempre na pauta do dia. Está com você na conversa do bar, nas páginas do jornal, na sala de jantar. Aqui em Marechal Rondon, por exemplo, descobrimos recentemente que ela estava bem ali, diante dos nossos olhos, nas irregularidades do CIRETRAN... Difícil acreditar, né?

Por vezes, ficamos estupefatos diante do tudo isso... Como compreender tantos casos de desvios, de mau uso da coisa pública, de troca de favores, de tráficos de influência, de propinas, de nepotismos??? São tantas denúncias que ficamos com a impressão de que nunca vimos tantos escândalos quanto agora! Parece algo tão comum na nossa realidade, que passa a ser considerado natural, inseparável da nossa condição de brasileiros. Será um mal que carregamos no gene? Será que deus não é brasileiro, e o diabo é que anda por essas bandas?

Não é tão simples assim... A corrupção não pode ser entendida apenas no aqui e agora. Não é algo novo na história do Brasil, nem exclusividade de um governo ou partido. Tampouco é prática que só acontece em terras brasileiras.

Compreender tais práticas requer pensá-las enquanto parte de um determinado sistema. Através delas, dinheiro se converte em cotas de poder no aparato estatal e estas se convertem em dinheiro. A corrupção é um dos principais mecanismos utilizados para manter a lealdade de determinadas forças políticas aos interesses do capital. Sem corruptores, não existiriam corruptos. Ela torna possível que determinados projetos sejam aprovados, enquanto alternativas políticas de mudanças sejam barradas e enfraquecidas.

Há saída? Achamos que sim... Mas ela passa por uma mudança de atitude por parte da sociedade. Não basta apenas aquela indignação momentânea, que surge contra determinados nomes em determinados momentos, quando o escândalo está fresquinho nas páginas dos jornais; faz-se necessário um debate social que busque entender as raízes mais profundas de tais práticas sociais e a forma de combatê-las. Não é tarefa fácil... Mesmo dentro das Universidades, são poucos os estudos que se dedicam a entender e pensar sobre tal tema... Muitos grupos e movimentos sociais, no entanto, tem denunciado sistematicamente não só os casos do momento, mas os espaços e as relações de poder que tornam possível que estas práticas continuem se repetindo ininterruptamente.

Este mural surgiu então como um desafio! Buscamos apresentar algumas reflexões sobre a corrupção, discutindo questões como o “jeitinho” brasileiro, as inúmeras CPIs realizadas no país (e que geralmente dão em nada - ou pizza), a forma como a mídia trata tal problemática, a corrupção internacional, aquela envolvendo políticos e agentes do governo, e a memória social que se constrói

acerca de tais atos e seus agentes. Mas repassamos o desafio para cada um de vocês... Como diz a música: “É preciso estar atento e forte!” Transformar tais práticas requer debate, reflexão e ação.

CPI, o que é isso?

Karen Kraulich

Sobre o surgimento da Comissão Parlamentar de Inquérito, existem divergências relacionadas a datas; há quem diga que teria surgido na Inglaterra no século XIV, ou então somente no século XVIII.

Contudo, a afirmação da CPI como comissão seleta aparece somente após a Revolução Gloriosa em 1688, sendo que antes disso as investigações a respeito de desvios de verbas e irregularidades cabiam a casa parlamentar, que se transformava em comissões para apurar e punir ilegalidades.

No Brasil, a primeira Constituição a consagrar a CPI foi a de 1934, porém somente na de 1988 é que esta comissão foi definida como a conhecemos nos dias atuais. A CPI tem caráter investigativo; ou seja, cabe a alguns membros da Câmara de Deputados e do Senado Federal apurarem fatos e evidências com prazo determinado, levando as conclusões ao Ministério Público para que este tome as medidas cabíveis para punir os infratores.

Diante de tais informações, pode se ver a CPI como meio de fazer com que pessoas corruptas respondam por seus atos. Contudo pergunta-se: Por que isto não funciona no Brasil?

Sejamos sensatos, para uma Comissão de Inquéritos ser criada, é necessário o requerimento de um terço dos parlamentares, algo que dificilmente ocorre, pois acordos internos e jogos políticos barram muitas acusações e o aparecimento da verdade.

O clamor do povo seria uma arma forte para fazer funcionar tais inquéritos, porém, como estes não contam com o voto direto da população, mas sim dos seus representantes, qualquer questionamento popular é facilmente desviado e ignorado.

Na situação política em que se encontra nosso país, deputados e senadores jamais denunciarão seus parceiros políticos, nem desvios e irregularidades que lhes convêm; afinal, a impunidade tornou-se um atrativo bem interessante para o avanço da corrupção no Brasil.

Enfim, se pararmos de eleger políticos envolvidos em escândalos públicos talvez com o tempo as CPI não terminem mais em “pizza”. Segundo o professor da USP, Sérgio Resende de Barros, é o povo quem elege os “pizzaiolos” e depois ficam frustrados ao verem a impunidade prevalecendo em inquéritos, ao invés de escolherem melhor seus representantes para que estes não tenham novamente poder para manipularem e tomarem para si algo que por direito, é nosso.

Memória curta?

Mauro Camargo, Suzane Tostes

A frase que cada vez mais ganha espaço em muitos debates sobre política é: “Brasileiro tem memória curta”. O exemplo que confirma a frase dita acima é o resultado da última eleição, onde políticos como Paulo Maluf, Roberto Jefferson e Fernando Collor, que tiveram envolvidos em vários escândalos de corrupção foram reeleitos.

Muitas das pessoas que estiveram envolvidas em escândalos políticos, acabaram sendo escolhidas como símbolo destes roubos. Ou seja, determinados esquemas de corrupção são personificados em algumas figuras, escolhidas entre tantos outros envolvidos. Os políticos vendem seus votos, desviam verba, mas essas ações beneficiam quem? Essa relação é bem menos explorada.

Ocorre ainda hoje uma descrença total nos valores éticos ligados a política, é difícil acreditar que existam políticos honestos, dignos de confiança e comprometidos em melhorar as condições sócio-econômicas em nosso país. Slogans como: “Rouba, mas, faz”, não são apenas piada e sim partes de discursos sobre nossos políticos, que ganham espaço nos debates e conversas entre os eleitores brasileiros.

Como entender o fato desses criminosos serem reeleitos? Renato Ribeiro em seu livro *A Sociedade contra o Social*, explana que existem sempre grandes jogadas de publicidade que transformam o termo público para além do inverso de privado, em um sentido de público no sentido teatral.

Ou seja, os meios de comunicação são utilizados pelos políticos corruptos com a intenção de maquiarem, disfarçarem suas trajetórias políticas para os eleitores. Nesse processo, o termo público é utilizado no sentido teatral pelos políticos, haja vista que os eleitores são o público ao qual deve-se passar uma imagem positiva dos políticos, para assim conseguirem votos.

Os casos de escândalos políticos por causa de corrupção ganham espaço e destaque temporário na mídia, mas depois de um tempo caem no esquecimento, e os acusados muitas vezes saem impunes; isso nos faz questionar a função da Justiça. Afinal o Judiciário é feito pra punir quem e o que?

Crimes menores são punidos com rigor e violência e os crimes de colarinho branco muitas vezes são colocados “por baixo dos panos”; nessa reflexão sobre uma situação teatral pode-se pensar que esses atores se distinguem do público, estão em um nível mais alto. Porém alguns escândalos de corrupção voltam temporariamente à mídia em época de eleições, utilizados como jogo político entre partidos políticos divergentes e mostrando os envolvidos nesses escândalos em um patamar mais baixo.

Atualmente existe uma campanha que está ganhando destaque na mídia, contra a

candidatura de políticos com processos mal resolvidos pela Justiça. O objetivo da propaganda é conscientizar os eleitores sobre a importância de seu voto. A campanha está sendo apoiada por diferentes instituições, isso deve-se ao fato de dar mais credibilidade ao processo eleitoral.

A campanha, porém, não exige a prisão dos políticos acusados pelos desvios e sim que a população se encaminhe de punir esses políticos não os elegendo.

Nós precisamos fazer um esforço para não deixar que escândalos como os do *mensalão*, *Sivam*, *Banestado*, e muitos outros não caiam no esquecimento e na impunidade. Quando esses políticos corruptos saem ilesos os prejudicados somos nós, é o nosso dinheiro que some, dinheiro dos nossos impostos que são para escolas; além do valor monetário são também nossos valores éticos que são saqueados.

A Corrupção e a Mídia

Fernando Chlad

A mídia é encarada de diversas formas em nossa sociedade. Para alguns, ela é como uma grande vigilante, espreitando a tudo com olhos de rapina e expondo a sujeira onde quer que a encontre. Para outros, ela é uma grande oportunista, sempre pronta para lucrar com as desgraças do mundo. Também há aqueles que a vêem como uma grande manipuladora, direcionando e controlando a opinião de seus leitores, espectadores etc, de acordo com o interesse em jogo. Os adeptos desta última visão geralmente também aderem à segunda, visto que para eles a mídia está mais “do lado negro da Força” do que qualquer outra coisa...

De fato, seria realmente um dos papéis da mídia ficar de olho em nossos representantes, e grasnar aos quatro ventos se algum saísse da linha. O problema é que, assim como para todos nós, cumprir papéis ou deveres é basicamente opcional, e, novamente, assim como (quase) todos nós, a maior parte das vezes ela resolve chutar o balde.

Quanto ao oportunismo, bom, sejamos sinceros: é principalmente de desgraças que a imprensa vive. Além do gosto especial do ser humano pela danação alheia, os acontecimentos bons o suficiente para chamar a atenção no mesmo nível ocorrem com uma frequência muito menor, tornando-se necessário que se aproveitem dos acontecimentos ruins para que ocorra uma vendagem satisfatória.

Com relação à manipulação, a culpa é principalmente nossa, afinal, se pensássemos mais por conta própria, analisando mais criticamente aquilo que os outros nos dizem, não teríamos muitos problemas com as tentativas da mídia (entre outros) de controlar nossa opinião. É claro que isso não a exime de modo algum da responsabilidade, pois já seria muito melhor se ela tentasse não fazer isso tão avidamente quanto faz. É claro que de qualquer maneira haveria uma influência, porém em um nível natural, já que, ao contrário do que afirmam tão veementemente os jornalistas de plantão, não existe imparcialidade (e, por sinal, eles são o maior exemplo disso), e toda vez que expomos nossa opinião ou posição, estamos possivelmente influenciando alguém.

Mas o problema principal não está no complexo de vigia ou no fato de ela viver da desgraça alheia, mas sim nas mentiras e ocultações, o que nos leva de volta ao campo da manipulação. A maior parte dos meios de comunicação tem uma posição política assumida, e transformam isso na base de seu trabalho, no lugar de tentar chegar o mais perto possível da inalcançável verdade. Pode-se ver diferentes veículos de informação mostrando diferentes culpados pela mesma sujeira, todos com embasamento, porém guiados por sua posição política. Pouco importa que todos (ou sequer os verdadeiros) culpados paguem, o que conta é que a oposição se dê mal. Basta comparar a postura atual da mídia com a de alguns anos atrás, durante o governo FHC, por exemplo. Enquanto

ultimamente estouraram escândalos e mais escândalos sobre a corrupção do atual governo, durante o mandato do antigo presidente, pouco ou nada foi dito pela mesma sobre as maracutaias envolvendo a privatização da Vale do Rio Doce. Não obstante, estamos cansados de ver tudo abafado depois, geralmente na forma de outra notícia tomando a atenção do público. São raríssimos aqueles meios de comunicação que realmente assumem o compromisso de apontar todos os culpados, e mesmo isso é porque estão interessados em ver todo mundo na fogueira.

Mais raros ainda são aqueles que chegam ao cerne da questão e mostram que o problema não está só nas pessoas, mas também no sistema, que permite (para não dizer encoraja) tais atos. A maior parte assume uma postura de amputar um membro para tentar salvar o corpo, ou seja, tiram-se os políticos e partidos visivelmente corruptos, com a intenção de manter o sistema intacto, mas ignora-se o fato de que este, assim como o corpo, já está podre por dentro, e que deveriam na verdade estar encomendando o caixão.

No entanto, ela precisa desse sistema apodrecido para sobreviver, pois é da corrupção, sujeira e desgraça proporcionadas por ele que ela se alimenta principalmente, e não apenas isso; as montanhas de lixo também são seu *playground* favorito, e o campo de guerra entre os grandes veículos de (des)informação de diferentes tendências e partidos. E é desse modo que seus interesses são atendidos, e é por isso que fazem todo o possível para que permaneça assim.

É claro que não podemos generalizar e ver a mídia como um grande polvo, cujos diferentes veículos de informação são como tentáculos, separados, porém praticamente iguais, feitos da mesma substância e pertencentes à mesma (nesse específico caso, vil) criatura. Existem muitos meios de comunicação que realmente se empenham na tarefa de passar a informação do melhor modo possível (ao menos na visão deles) para a população, ou em combater esse tipo de atitude mesquinha quase onipresente entre a grande mídia, mas infelizmente, eles não apenas são minoria como também não pertencem ao “grande escalão” da imprensa. Este sim é quase como um Cthullu lovecraftiano, mas cujos tentáculos passam a maior parte do tempo brigando entre si por supremacia; porém, no final trabalhando juntos, movidos por um interesse muito maior, cujos resultados tem como maiores vítimas nós mesmos.

Corrupção Internacional

Gustavo Soares de Lima

Em reportagem da *BBC*, o jornalista Caio Blinder lembra que “Em Nova York, é a Wall Street. Em Washington, é a K Street, a rua por onde trafegam os lobistas.”. Ele se refere a um caso de corrupção que poderia estar envolvendo mais de 300 congressistas estadunidenses. No momento à que se refere o texto, o das eleições de 2006, a *BBC* lembra que “o comitê de reeleição de Bush anunciou que está doando para a caridade 6 mil dólares que recebeu do superlobista na campanha”. Vale lembrar que a primeira eleição de George Bush já foi envolta em acusações de corrupção. A partir de alguns elementos como estes, fica evidente que a corrupção atinge publicamente instituições caracterizadas em parte pela sociedade como “solidificadas”. Quantas vezes já escutamos que o governo e a política norte-americana são um exemplo para todo o mundo? Mas o que dizem os organismos internacionais, os quais o próprio governo estadunidense compõe?

Segundo o Banco Mundial, nos países onde a corrupção é mais acentuada há uma queda de investimentos, diminuindo drasticamente a arrecadação destas nações. A ONU chegou a realizar uma “Convenção contra a Corrupção”, que no preâmbulo afirma estarem “preocupados pela gravidade dos problemas e as ameaças, que estabelecem a corrupção, para a estabilidade e segurança das sociedades, ao socavar as instituições e os valores da democracia, da ética e da justiça e ao comprometer o desenvolvimento sustentável e o império da lei”.

É comum ouvirmos que o Brasil é um país onde a corrupção é expoente. Mas será que outros países estão ilesos à escândalos que envolvem políticos e empresários no mal trato do dinheiro e da coisa pública? *Ask Why?* Ou seja, por quê?

O caso Enron

Alex Gibney trouxe na forma do documentário *Enron – Os Mais espertos da sala*, uma amostra de como empresas podem, a partir de manipulações contábeis e esquemas envolvendo grandes políticos, usar a estrutura do Estado em benefício próprio.

A Enron foi uma empresa texana criada nos anos 80, que utilizando mais tarde o slogan “Ask Why?”, ou seja, “por quê?”, falsificou projeções financeiras com pretensas tecnologias que nunca existiram. Além disto, a proximidade da empresa Enron com políticos como George Bush, facilitou a contratação de seus serviços pelo governo, como no mentiroso blecaute na Califórnia em 2001. A empresa, que teve ações entre as mais valorizadas da bolsa norte-americana, faliu deixando centenas de trabalhadores na rua, enquanto os seus “mais espertos da sala”, em boa parte saíram em grande estilo, pois enquanto criavam um valor irreal para as ações da empresa, eles mesmos

vendiam as suas, por milhões e milhões de dólares.

Corrupção e economia

Em reportagem do *The New York Times* de 21/07/08, Peter S. Goodman lembrou que os norte-americanos estão tomando mais empréstimos do que podem pagar, e colocando assim suas hipotecas em jogo. Como o próprio jornalista diz, “Agora está chegando o dia da prestação de contas”. A questão a que se refere o jornal trata das hipotecas imobiliárias, chamadas também de “subprimes”. Ai está outra relação entre economia e política que já aponta icebergs de corrupção. Um deles, e publicamente escancarado, é o auxílio do governo a bancos que teoricamente “precisam de dinheiro”, mas que por outro lado gastam, como o próprio jornal reconhece, “oceanos”. Segundo o jornalista “Onde os bancos vão captar as gigantescas somas necessárias para repor o capital que eles aparentemente perderam? E o que acontecerá se não conseguirem?”. A resposta é mostrada pela mídia quase que diariamente quando ouvimos falar em “recessão”. Colada à questão, está a alta dos alimentos e as inflações. E o que quer dizer tudo isso? Quer dizer que para salvar empresas, o Estado injeta financeiramente a sua ajuda, mas não para tabelar os preços dos alimentos ou ajudar a população pagando seus empréstimos, mas sim para dar dinheiro a este sistema privado, em seu “salvamento”.

Tudo isto não é novidade. O governo sair em defesa de grandes corporações e do mercado é uma das orientações do Consenso de Washington; o mesmo Estado que não deve interferir em questões da liberalização econômica. Segundo o lingüista Noam Chomsky, no livro *O lucro ou as pessoas?*:

“O Consenso [neoliberal] de Washington é um conjunto de princípios orientados para o mercado, traçados pelo governo dos Estados Unidos e pelas instituições financeiras internacionais que ele controla e por eles mesmos implementados de formas diversas (...). Os “grandes arquitetos” do Consenso [neoliberal] de Washington são os senhores da economia privada, em geral empresas gigantescas que controlam a maior parte da economia internacional e tem meios de ditar a formulação de políticas e a estruturação do pensamento e da opinião. Os Estados Unidos tem um papel especial nesse sistema.”

Abrimos pois esta discussão, refletindo sobre a idéia de que a corrupção está também intimamente ligada às questões da relação entre Estado e Mercado, principalmente quando o primeiro está submisso ao segundo; ou seja, dentro das regras do lucro. Não somente no Brasil a corrupção atinge graus elevados com membros do PT e com seus “valériodutos”, mas também nos EUA na relação entre George Bush e empresas financiadoras da sua campanha, como no caso da Enron.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Sérgio Resende de. A CPI como instrumento de apuração da corrupção. Disponível em: <http://www.raul.pro.br/artigos/cpi.htm>
- BEZERRA, Marcos Otávio. Bases sociais da prática da corrupção no Brasil. Brasília, 1994.
- BOBBIO, Norberto. Dicionário de Política. Brasília: Editora da UNB, 2004. Verbetes Corrupção.
- CARVALHO, José Murilo. Entrevista à Revista Época, 03 de março de 2008. p. 150-151.
- DA MATTA, Roberto. O modo de navegação social: a malandragem e o “jeitinho”. IN: O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2001.
- DIAS, Edmundo Fernandes. Da natureza corrupta do capitalismo e de suas formas práticas. IN: Política brasileira: embate de projetos hegemônicos. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2006. p. 49 – 52.
- MIGUEL, Luis Felipe; COUTINHO, Aline de Almeida. A crise e suas fronteiras: oito meses de “mensalão” nos editoriais dos jornais. Opinião Pública, vol. 13, n. 1, Campinas, junho de 2007.
- CHOMSKY, N. O lucro ou as pessoas: neoliberalismo e ordem global. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- Reportagem “Escândalo de corrupção cresce nos EUA e preocupa republicanos” (BBC, 04/01/2006), Nova York), retirada do site da BBC em 15/07/2008. Link: http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2006/01/060104_lobbyeuaanalisecb.shtml
- Informações retiradas da reportagem “Corrupção produz pobreza: estudos mostram que maracutaia devastador sobre o desenvolvimento” de Eduardo Salgado. (VEJA, 27/11/02) em 15/07/2008. Link: http://veja.abril.uol.com.br/idade/exclusivo/271102/p_054.html
- Convenção da ONU Contra a Corrupção. Laboratório do Tempo Presente da UFRJ. Retirado do site 15/07/2008. Link: http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&task=view&id=818&Itemid=82
- Informações retiradas da reportagem “Corrupção produz pobreza: estudos mostram que maracutaia devastador sobre o desenvolvimento” de Eduardo Salgado. (VEJA, 27/11/02) em 15/07/2008. Link: http://veja.abril.uol.com.br/idade/exclusivo/271102/p_054.html
- Reportagem “Escândalo de corrupção cresce nos EUA e preocupa republicanos” (BBC, 04/01/2006), Nova York), retirada do site da BBC em 15/07/2008. Link <http://www.bbc.co.uk>